

# Saberes, práticas alimentares e experiências partilhada na região do Vale do Rio Pardo/RS - Brasil

**Escrito por:** Everton Luiz Simon, Universidade de Santa Cruz do Sul – UNISC, Brasil  
evertonsimon@gmail.com  
Hosana Hoelz Ploia, Universidade de Santa Cruz do Sul – UNISC, Brasil  
hhploia@mx2.unisc.br  
Brasil



## Resumen:

La alimentación, como práctica de mantenimiento de la supervivencia física, emocional, cultural y social de los seres humanos, manifiesta modos, costumbres, patrones y saberes, (re)producidos en su ejercicio cotidiano. El presente trabajo tiene como objetivo comprender las prácticas alimentarias regionales del Vale do Río Pardo, en Rio Grande do Sul, Brasil, a partir de la comprensión de la relación entre el conocimiento, el trabajo y los significados impresos en los alimentos producidos y consumidos por las comunidades. Las prácticas alimentarias permiten comprensiones y análisis más allá de su función nutricional, manifiestan procesos educativos a través de la relación entre hacer/trabajar - conocimiento/educación. Es a través de esta intersección entre hombres y mujeres con la naturaleza, transformándola, que se construyen y validan valores, significados y conocimientos en las redes relacionales de la vida cotidiana. El análisis de los saberes evocados por las memorias narradas de los participantes en la investigación busca visibilizarlos frente a las transformaciones implicadas en los hábitos alimentarios de la región, así como comprender su reproducción, a través de la educación popular, con miras a resignificar y mantener las manifestaciones populares regionales. La siguiente etapa de la investigación en curso (in)pretende reconocer el conocimiento popular de la alimentación de las comunidades indígenas y quilombolas de la región, desde una perspectiva decolonial, para la representación integral de las etnias que integran los territorios alimentarios. Los resultados parciales defienden la memoria como dispositivo de resistencia y acción representativa para la continuidad de las prácticas alimentarias identitarias, del mismo modo que garantiza la preservación y el intercambio de simbologías y formas de comer y vivir en el contexto regional.

**Palabras clave:** Alimentación; Conocimiento; Trabajo; Memoria; Experiencia.

**Resumo:**

A alimentação, enquanto prática de manutenção da sobrevivência física, emocional, cultural e social dos seres humanos, manifesta modos, costumes, padrões e saberes, (re)produzidos em seu exercício cotidiano. O presente trabalho objetiva compreender as práticas alimentares regionais no Vale do Rio Pardo, no Rio Grande do Sul, Brasil, a partir do entendimento da relação entre saberes, trabalho e significados imprimidos nas comidas produzidas e consumidas pelas comunidades. As práticas alimentares permitem compreensões e análises para além da sua função nutricional, elas manifestam processos educativos por intermédio da relação fazer/trabalho - saber/educação. É por meio dessa interseção entre homens e mulheres com a natureza, transformando-a, que valores, sentidos e saberes são construídos e validados nas tramas relacionais do cotidiano. A análise dos saberes evocados pelas memórias narradas de participantes da pesquisa busca visibilizá-los frente às transformações implicadas aos hábitos alimentares da região, bem como compreender a sua reprodução, através da educação popular, com vistas à ressignificação e à manutenção de manifestações populares regionais. A etapa seguinte da pesquisa em andamento (in)tenciona reconhecer

os saberes populares da alimentação de comunidades indígenas e quilombolas da região, numa perspectiva decolonial, para representação integral das etnicidades integrantes dos territórios alimentares. Os resultados parciais defendem a memória como dispositivo de resistência e ação representativa para continuidade de práticas alimentares identitárias, da mesma forma que garante a preservação e partilha de simbologias e modos de comer e viver no âmbito regional.

**Palavras-chave:** Alimentação; Saberes; Trabalho; Memória; Experiência.

**Abstract:**

Food as a practice of maintaining physical, emotional, cultural, and social survival of human life manifests modes, customs, patterns, and knowledge, (re)produced in their daily exercise. The present work aims to understand the regional food practices of Vale do Rio Pardo, Rio Grande do Sul, Brazil, by understanding the relation between knowledge, work, and meanings imprinted on the food produced and consumed by the communities. The food practices allow understanding and analyses beyond their nutrition function. They manifest educational processes through the relationship between doing/working - knowledge/ education. Through this intersection between men and women with nature transformed by them, values, meanings, and knowledge are

constructed and validated in the relational plots of daily life. The analysis of the knowledge evoked by the narrated memories of the research participants seeks to make them visible before the transformations implied in the region's eating habits, as well as to understand their reproduction through popular education, to give new meaning to and maintain popular and local manifestations. The next stage of the ongoing research intends to recognize the popular knowledge of food from indigenous communities and quilombolas in the region, from a decolonial perspective, for the integral representation of the ethnicities integrating the food territories. The partial results announce memory as a device of resistance and representative action for the continuity of identity food practices; in the same way, it guarantees the preservation and sharing of symbologies and modes of eating and living in the regional context.

**Keywords:** Feeding; Knowledges; Labor; Memory; Experience.

Conocimientos, prácticas alimentarias y experiencias compartidas en la región del Vale do Rio Pardo - RS/ Brasil

**1 Primeiras palavras: sobre a pesquisa**

A alimentação manifesta possibilidade epistemológica para que sejam feitas análises de dimensões educativas, culturais, simbólicas e sociais a partir das práticas alimentares. Têm-se, nestes termos, a comida como uma categoria importante para compreender políticas e práticas de formação em espaços escolares e não-escolares, saberes populares, trabalho e cultura de diferentes grupos sociais. É pertinente diferenciarmos, já, a comida e o “comer” do alimento e do “alimentar-se”. Para Carlos Roberto Antunes dos Santos (2005, p. 12), comer implica em um ato social, na medida em que constitui e é constitutivo de “atitudes ligadas aos usos, costumes, protocolos, condutas e situações”. Para ele (2005), o alimento constitui uma categoria histórica, pois carrega vestígios dos padrões de permanências e mudanças dos hábitos e das práticas alimentares, referenciais importantes da cultura humana. Diante disso, entendemos que o alimento sofre transformações pelas mãos de mulheres e homens que os coletam, cultivam, colhem, manipulam e produzem comidas a partir deles, pelo trabalho e pela educação.

Nesse sentido, a abordagem das culturas alimentares regionais, permeadas de tradições, saberes e práticas, possibilita a compreensão do protagonismo humano, as experiências

populares, frente às inovações diligentes e os desafios impostos à preservação da autonomia do que é popular. Busca-se, nesse texto, compreender os saberes populares relacionados ao trabalho realizado na produção de alimentos e comidas, tendo como princípio os significados imprimidos às práticas alimentares, em espaços não-escolares na região do Vale do Rio Pardo<sup>1</sup>.

Neste texto, recorreu-se às técnicas da observação participante, observação in loco, diário de campo, coleta de dados/documentos secundários e aplicação de entrevistas semiestruturadas. Todos os objetivos, cuidados e consequências da participação na pesquisa foram explicitados no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), lido e assinado por todas as participantes. Também, foi incluído o pedido de autorização da divulgação dos nomes próprios das mulheres participantes da pesquisa, como

---

1. A região do Vale do Rio Pardo é composta por vinte e três municípios, com uma população total de 440.316 habitantes conforme estima a Fundação de Economia e Estatística - FEE (RIO GRANDE DO SUL, 2020), apresentando características históricas, geográficas, sociais e culturais distintas em seu processo de povoamento e colonização. Sua economia é predominantemente agrícola, dedicada à produção do tabaco, erva-mate e leite. Estima-se que 37% da população estabelece relações de existência e manutenção da vida por meio da agricultura familiar praticada, em grande maioria, em pequenas propriedades rurais

forma de visibilizar não apenas os saberes inerentes ao seu trabalho, como também o lócus de enunciação das experiências dessas mulheres. Cumpre destacar que o roteiro das entrevistas foi elaborado com a finalidade de permitir aos/as sujeitos/as manifestarem-se a partir das lembranças e recordações da infância. As entrevistas, com informantes qualificados, foram registradas através da utilização de um gravador digital, e posteriormente foram transcritas. As análises dos dados coletados nas entrevistas e pesquisas de campo, foram realizadas a partir da transcrição das gravações, ordenação, codificação e decodificação dos dados e, por fim, sistematização dos relatos/registros em uma planilha do Excel. Os dados foram classificados a partir dos questionamentos, separados por categorias e classificações; agrupando elementos, ideias e expressões que abrangem todos os dados envolvidos e coletados no trabalho de campo.

A rigor, este artigo configura-se como um trabalho de investigação ainda em andamento, vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Educação na Universidade de Santa Cruz do Sul. Para tanto, selecionamos cinco narrativas de mulheres, de diferentes regiões/municípios da região do Vale do Rio Pardo. Trata-se de um exercício de análise e reflexão de fontes produzidas ao longo dos últimos anos junto ao grupo de pesquisa Educação Popular, Metodologias Participativas e Estudos Decoloniais. A análise final

permitiu compreender, interpretar e estabelecer articulações entre as informações coletadas e os referenciais teóricos, assim como buscou responder as questões que nortearam a pesquisa a partir dos objetivos.

A investigação sobre saberes populares referentes à alimentação proporciona reflexões sobre trabalho, comunidade e experiência dos coletivos, pelas lentes das narrativas de memória de sujeitos entrevistados. Esses registros permitem inferir que formas autônomas de organização social, de reciprocidade e de partilha caracterizam o trabalho com determinados alimentos, sobretudo relacionados à produção e reprodução de saberes da alimentação, entre mulheres. O presente artigo está organizado em três tópicos, a contar da introdução que optamos por chamar de primeiras palavras. Na sequência, apresentamos alguns aspectos teóricos sobre os significados da alimentação e do comer e dos fazeres e saberes. Na terceira parte, tratamos da alimentação enquanto prática socioeducativa, permeada de saberes, modos, significados e sentidos em (re)existência.

## **2 Práticas alimentares: saber, fazer, sentir e significar**

Para além de termos nutricionais, a alimentação promove a sobrevivência tanto física quanto socioemocional dos seres humanos. Em perspectiva antropológica, a comida liga-se diretamente ao sentido de nós

mesmos e à nossa identidade social”. (MINTZ, 2001, p. 31). Tal aspecto corresponde ao que se come, de que se maneira come, porque e para que se come. (SANTOS, 2011). O espaço em que tais eventos particulares e coletivos se desdobram é fundamental para o entendimento das práticas produtivas e de consumo alimentar do(s) grupo(s), no tocante ao cenário de transformações operadas nos territórios, e as mudanças posteriores no modo tanto de comer, quanto de viver em comunidade. Na região do Vale do Rio Pardo - Rio Grande do Sul, é perceptível a ocorrência de constantes transformações nos hábitos e práticas alimentares. Ao pensar o ato de se alimentar, constata-se que o mesmo é integrado de tradições, saberes, identidade, relações sociais, e, principalmente, inovações, as quais sofrem alterações nesse processo transformador vigente, que reconfigura, também, a culinária regional. O tempo e o espaço - regionais - influenciam e condicionam as formas de viver dos coletivos, bem como seus modos de produzir e preparar alimentos, visto sermos seres-em-situação. (FREIRE, 1980). Nesse sentido, a análise da interação alimentar na região, com enfoque nas comunidades e suas experiências, busca evidenciar os hábitos alimentares praticados no cotidiano, através de exercícios de saberes e da memória.

A alimentação abrange diversos processos e práticas para sua efetivação. O plantio, o cultivo, a colheita, o beneficiamento, a estocagem, o pré-preparo, preparo e consumo são algumas das ações concernentes aos alimentos, possuindo características inerentes em si quanto a saberes, métodos e simbologias relevantes para o ato de se alimentar. (AMON; MENASCHE, 2008). Na região, os saberes se relacionam e contemplam atividades cotidianas e rituais, sejam recorrentes no passado, ou praticadas no presente, em contexto-situação de ameaça de extinção frente à metamorfose invasiva, homogênea e persistente do sistema capitalista industrial-financeiro.

Sobre saberes, começemos abordando-os como parte de uma educação outra, não escolarizada, que ocorre com a/na vida, nos fazeres diários, entre pessoas, com o mundo. Para Carlos Rodrigues Brandão (1988, p. 7), “todos os dias misturamos a vida com a educação”. Além disso, para ele “a educação aprende com o homem a continuar o trabalho da vida [...] a transformar partes das trocas feitas no interior desta cultura em situações sociais de aprender-ensinar-e-aprender: em educação.” (BRANDÃO, 1988, p. 13-14). Nas práticas sociais, diversos saberes populares são expressos, partilhados e adquiridos através da linguagem, do gestual, do corporal, do olhar, pois o saber e o fazer demandam que alguém

saiba, faça, ensine, aprenda, ensine-e-aprenda. Nesse sentido, pensamos a experiência em Larrosa (2002), como aquilo que nos acontece, nos atravessa. O cozinhar e o comer respondem aos sentidos corporais, à presença nossa no mundo, por meio da qual produzimos significados e memórias gustativas. A comida é feita em dispositivo de memória e identidade, e tornam-se, dessa forma, parte da formação de identidades coletivas e um produto da elaboração de homens e mulheres. (MARTINIC, 1994).

Nestes termos, a educação popular incorpora diferentes modos da práxis educadora, que, no contexto examinado, condiz aos meios tradicionais de subsistência física e social dos grupos, pela hereditariedade geracional dos saberes. Desse modo, salientamos, com base em Fischer e Ziebell (2005), que os saberes têm o potencial de libertar os indivíduos que os praticam, da dominação. Na atualidade, a invisibilidade dada a tais saberes, e, por consequência, ao trabalho das/nas comunidades, se constitui como domínio sobre a autenticidade e autonomia dos sujeitos, pela hipervalorização do tecnológico, que, no contexto agroalimentar, representa, entre outros fatores, a monocultura, o agronegócio, o uso de agentes químicos e a mecanização do campo. A partir desses parâmetros, ocorre tanto a transformação dos espaços, quanto dos seres atuantes nele, com suas formas de trabalho, costumes e

experiências. No entanto, é evidente a centralidade conferida às pessoas atingidas pela conjuntura, pois o ambiente da vivência modifica-se pela/ com a ação dos seus habitantes. Assim, são salientados os aspectos sociais e a importância histórica que os saberes possuem no tempo-espaço nos quais são vigentes.

### **3 Mulheres, narrativas de memória e manutenção da existência comunitária no Vale do Rio Pardo**

As narrativas de memória das mulheres entrevistadas refletem as suas percepções de si e dos espaços de pertencimento a partir de memórias baseadas em experiências concretas, de saberes da experiência que se tornam aliados da memória, por permitirem a sobrevivência física simultânea à reprodução de sentidos, simbologias e significados através do produzir alimentos, fazer e comer comidas. Antes de nos atentarmos às narrativas de mulheres, são importantes algumas palavras sobre comunidade. Como lugar natural transformado em espaço social pelas pessoas, com o meio e entre si, a comunidade, de forma geral, “é aquilo que se cria em um espaço-de-vida quando ali se vive”. (BRANDÃO; BORGES, 2014, p. 3). Como já manifestado, comunidade e território se complementam, o último enquanto espaço geográfico significado pelo/s grupo/s que nele trabalham, educam-se, vivem. Consideramos, então, a comunidade como um ou mais grupos sociais, com

seus próprios saberes, compartilham vivências e experiências, as quais são constitutivas de sua identidade e das relações estabelecidas.

Dito isso, o primeiro relato destacado neste texto expressa a (re)existência de práticas de cultivo agroecológicas que provinham os mantimentos necessários para as famílias em territórios rurais da região do Vale do Rio Pardo. Nas palavras de Anita:

Aqui a tradição é bem forte, a gente planta de tudo, a gente colhe de tudo, e tem quase tudo na horta e lavoura, só compramos o açúcar branco, farinha e sal, o resto a gente colhe quase tudo em casa. O sabor dos alimentos é outro, a gente sabe o que foi colocado, não está preocupado com a quantidade de agrotóxicos, pois aqui em casa não se usa essas coisas desconhecidas.

Notamos a relevância da produção agro familiar para o autoconsumo e autossustento das famílias/comunidades, visto quase todos os alimentos serem cultivados em hortas e lavouras próprias. As práticas de cultivo para o autoconsumo são identificadas em todas as narrativas das mulheres e reforçam a manutenção de práticas e saberes relacionados à produção de alimentos, portanto, reforçam as tradições alimentares. Um destaque da narrativa de Anita é a importância de conhecer o que

se come, expressa por ela como um saber. Nesse sentido, o plantio, cultivo, beneficiamento e preparo de alimentos desde a propriedade familiar de forma autônoma está diretamente relacionado à qualidade conferida às comidas feitas a partir deles. Assim, o gosto, o sabor dos alimentos e das comidas, revela-se como uma construção cultural e social, como afirma Montanari (2008). Essas práticas de cultivo e consumo de alimentos que são cultivados, colhidos, armazenados e beneficiados por suas mãos, tornam-se em (re)existência para essas mulheres, uma autovalorização do seu trabalho cotidiano com a/na terra e todos os afazeres domésticos, dos quais são reveladas diversas práticas educativas relacionadas a práticas alimentares.

Outra narrativa rememora uma prática alimentar de finais de semana, manifestando o planejamento e as atividades laborais necessárias para a refeição em família. Começava-se dias antes, ao separar a melhor galinha dentre as demais, para “cevar”, deixando a ave em um espaço confinado e reduzido. No sábado, realizava-se o abate; no domingo, cedo pela manhã, acontecia todo o ritual de preparo da massa caseira que acompanhava o preparo da galinha, e na sequência elaboravam-se os outros acompanhamentos do prato. Todos esses processos eram elaborados rotineiramente pelas mulheres. Agora, são práticas esporádicas das famílias, frente à crescente presença

de mercados e supermercados nas regiões e a significativa oferta de alimentos industrializados. O relato de Iracema corrobora com essas transformações que abordamos, pois segundo ela “na colônia está tudo mudado, a maior parte das comidas do final de semana está virado em churrasco, quando não é churrasco, aí sim é galinhada”. Assim, um dos pratos que distinguia dias e consumos alimentares, atualmente perde espaço para preparações “caricatas” da cultura alimentar homogênea dos estados do sul do Brasil, tradicionalmente relacionados à figura do homem, manipulador do fogo e da carne, sem visibilidade para os fazeres e saberes alimentares das mulheres.

Contudo, a resistência de hábitos e práticas alimentares tradicionais é mantida através do trabalho feminino. Neste contexto, Otilia afirma: “eu faço a verdadeira comida colonial aqui na minha casa, o que eu aprendi com a minha mãe eu ainda faço [...]”. Um primeiro destaque à essa fala é a afirmativa “eu faço a verdadeira comida colonial aqui na minha casa”. Otilia valoriza o seu fazer culinário, aqui um fazer doméstico, que, aproximado à teoria, é inseparável do saber. Tradição e identidade são anunciadas pela utilização do adjetivo verdadeira ao se referir à comida colonial que ela faz. Apreendemos isto como relacionado à presença de processos educativos partilhados ou transmitidos de geração em geração, por meio da relação

trabalho-educação. Esses processos educativos manifestados na narrativa, ou seja, o produzir alimentos ou comida enquanto se (com)partilham modos, saberes e fazeres revelam processos de continuidade de práticas significativas de fazer, saber e comer em conjunto. A frase “o que aprendi com minha mãe” é um anúncio em si da importância dos saberes de mulheres e entre mulheres para a produção da vida. Assim, a reprodução desses modos e saberes é uma defesa das práticas tradicionais de produção de alimentos e comidas para consumo próprio, como também reafirma o caráter intergeracional da partilha e transmissão de hábitos, métodos, preferências e sentidos, relacionados com a alimentação, mas, principalmente, com a vida-existência.

As práticas, os saberes e os modos de fazer a comida revelam diferentes formas de resignificação e permanência de tradições e processos educativos populares frente às transformações nos sistemas de produção alimentar que são modificados e suprimidos. Neste campo de conflitos as mulheres revelam-se fundamentais na preservação de todo um conjunto de processo, práticas e saberes relacionados à alimentação. Contudo, quanto ao preparo dos alimentos, observou-se nos registros menções associadas à diminuição de práticas tradicionais. Os saberes relacionados à preparação da lenha, do fogo para o preparo de comidas, são influenciados

pela tecnologia disponível do fogão a gás - muito embora caiba ser ressaltado que o fogão à lenha ainda está presente na maioria das casas, nas áreas rurais dos municípios. Da mesma forma, a disponibilidade de fornos elétricos ocasionou a ruptura de práticas de diversos saberes e técnicas passadas de geração em geração quanto ao uso de fogão e forno à lenha. Conforme lembra Loraci, para evitar que o pão queimasse, era importante testar a temperatura do forno: “para testar o calor do forno de tijolo tu jogavas uma palha de milho dentro. Se ela não queimasse e ficasse douradinha o pão também ia ficar assim”. Este saber é um saber popular, da prática e experiência cotidiana. Como escreve Freire (1996, p. 21-22), o ato de cozinhar “supõe alguns saberes concernentes ao uso do fogão, como acendê-lo, como equilibrar para mais, para menos, a chama, como lidar com certos riscos mesmo remotos de incêndio”.

Aqui, destacamos o saber-fazer, um saber popular chamado por Freire (1996) de saber da pura experiência feito. Esse saber não é transcendido, é puro saber-fazer. Entretanto, é transcendível, é superável, quando alcançada a consciência epistemológica de saber que sabe fazer, então criando outro saber, renovado, crítico. Esse processo de “fazer e o pensar sobre o fazer” é ação-reflexão-ação (FREIRE, 1996, p. 38). Nas palavras de Carlos Rodrigues Brandão (1988, p. 32) “onde viver o fazer faz o saber”,

temos a educação que surge com a/ na prática, o saber como uma feitura do trabalho. Triviños (2016) propõe que a prática (o fazer) seja pensada, refletida, compreendida. Talvez, podemos acrescentar: que a prática seja apropriada por quem a faz, e sabe fazer, porém ainda não sabe que sabe fazer. Dessa forma, podemos perceber a constatação prática da relação trabalho-educação, a reciprocidade entre fazer e saber, saber como fazer.

Sobre mudanças nos hábitos e práticas alimentares, entre a manutenção e reivindicação do tradicional e popular frente ao inovador, tecnológico e moderno, pensemos no discurso hegemônico da modernidade. A ideia de futuro é uma das suas características principais, por isso, o princípio da possibilidade não lhe é próprio, mas sim o do determinismo. (BRANDÃO, 1988; FREIRE, 1996). Neste discurso há a desconsideração da existência humana enquanto processo histórico, com historicidade, pela perseguição de um futuro “tecnicamente melhor”, sem amarras a tradições, ao passado, bem como sem considerações sobre o presente. Um sistema determinista que é vertical, impõe-se sobre os dominados-oprimidos, como opção única de desenvolvimento econômico, cultural, social, educacional e científico. Nestes termos, em denúncia-e-anúncio, reafirmamos a importância das práticas alimentares das comunidades, ressignificadas através do tempo e das gerações, em manutenção da

existência tradicional a partir de saberes e sentidos.

O relato de uma moradora urbana exemplifica o referido sobre “tempos modernos”. Silvia, professora da rede estadual de educação, destaca que o mercado e a industrialização lhe facilitaram a alimentação, “mas eu sei que ela modificou todas as características na cidade, e fez com que o colono perdesse um pouco do mercado”. A entrevistada complementa ainda sobre a alimentação atual: “é muito aditivo químico, eu sei. É puro conservante, eu sei. Mas é que eu não tenho condições de plantar por causa do trabalho na escola né? Então eu acabo ficando refém do mercado, restaurantes e do comércio em geral”. É relevante notar a narrativa de Silvia por manifestar diversas vezes “eu sei” sobre as contradições das novas dinâmicas de alimentação, diretamente relacionadas à produção na/da terra, no/do campo. Em consonância à realidade relatada pela entrevistada, Tiriba (2007) refere-se ao lar como magnitude das relações capitalistas impostas na sociedade. De fato, ao se considerar a manutenção da prática dos saberes, predominantemente executados por mulheres, em relação à sua inserção no mercado de trabalho, percebe-se a imposição de dificuldade para realização de ambos os processos produtivos. O dilema entre vida rural e urbana, entre o caseiro e o industrial, reconfigura a estrutura educativa de

partilha de saberes, assim como sua prática é posta em perigo de extinção, em vista dos desafios para as mulheres conciliarem a carga horária trabalhista e a estabilidade do ciclo de produções agrícolas, orgânicas e de tradições no âmbito privado.

Nestas páginas, tratamos da alimentação enquanto prática socioeducativa, permeada de saberes, modos, significados e sentidos. Através das narrativas de mulheres da região do Vale do Rio Pardo, pensamos as práticas alimentares enquanto educação-trabalho/trabalho-educação, nas e das comunidades, que criam, transformam e partilham saberes e maneiras de plantar, cultivar, cozinhar e comer, em coletivo, no cotidiano.

#### **4 O caminhar da pesquisa: algumas considerações**

Os relatos das mulheres abordados são contemplações do passado que se entrecruzam com o presente por meio da alimentação. As trajetórias de vida destas mulheres ressignificam o que é ser mulher, os espaços de pertencimento, os lugares, a partir de memórias baseadas em experiências concretas. Anunciam saberes populares e da experiência que se tornam aliados da memória, por permitirem a sobrevivência física simultânea à reprodução de sentidos, simbologias e significados através do quê, como, com quem e para quê se come. A culinária e as práticas alimentares, nesse contexto, podem

ser compreendidas como um espaço de pertencimento, em que há de se considerar que essas raízes fazem parte da natureza, cultura e história dos sujeitos, que usam o território e dele/nele produzem, a partir de práticas, saberes e uma infinidade de sabores, atribuindo propriedades específicas às comidas, desenvolvendo técnicas de conservação e de preparo de alimentos. Eis, portanto, uma cozinha construída a partir de heranças culturais que dialogam com as fronteiras e identidades territoriais solidificadas no imaginário popular, submetidas a novos arranjos. A educação popular, assim, enquanto forma de construção de conhecimentos tradicionais a partir da experiência, permite a partilha de modos de viver, trabalhar e fazer educação entre os sujeitos, sobretudo mulheres, que mantêm a existência pela alimentação, seus saberes e fazeres coparticipados, em co-labor-ação. Os resultados parciais desta pesquisa defendem as narrativas de memória como dispositivos de resistência e ação representativa para continuidade de práticas alimentares identitárias nas comunidades, em especial quanto aos saberes da alimentação entre mulheres.

## Referências

- AMON, Denise; MENASCHE, Renata. Comida como narrativa da memória social. *Sociedade e Cultura*, Goiânia, v. 11, n. 1, p. 13-21, jan/jun. 2008.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. Educação popular. São Paulo: Brasiliense, 1984.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. O que é educação. 21. ed. São Paulo: Brasiliense, 1988.
- CASTELLS, Manuel. A Era da Informação: Economia, Sociedade e Cultura – O Poder da Identidade Vol.II. São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- FISCHER, Maria Clara Bueno; ZIEBELL, Clair Riberio. Mulheres e seus saberes engravidando uma outra economia. *Cadernos de Educação*, Pelotas, v. 3, n. 25, p. 1-20, set. 2005.
- FREIRE, Paulo. Conscientização: teoria e prática da libertação: uma introdução ao pensamento de Paulo Freire. 3. ed. São Paulo: Moraes, 1980.
- FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. 37. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- MACIEL, Maria Eunice. Cultura e alimentação ou o que tem a ver os macaquinhos de koshima com Brillat-Savarin? *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 7, n.16, p.145-156, 2001.
- MARTINIC, Sérgio. Saber popular e identidade. In: Educação Popular: utopia latino-americana. São Paulo: Cortez; Edusp, 1994.
- MINTZ, Sidney W. Comida e antropologia: uma breve revisão. *Revista Brasileira Ciências Sociais*, v. 16, n. 47, p. 31-41, 2001.
- MONTANARI, Massimo. Comida como cultura. 2.ed. São Paulo: Senac, 2008.
- RIO GRANDE DO SUL. Fundação de Economia e Estatística. Corede Vale do Rio Pardo. Disponível em: <https://arquivofee.rs.gov.br/perfil-socioeconomico/coredes/>
- SANTOS, Carlos Roberto Antunes dos. A comida como lugar de História: as dimensões do gosto. *História: Questões & Debates*, Curitiba, n. 54, p. 103-124, jan./jun. 2011.
- TIRIBA, Lia. Brincando de casinha: fragmentos de economia, cultura e educação. *Revista de Educação Pública*, Cuiabá/MT, v. 16, n. 31, p. 161-172, maio/ago. 2007.
- SANTOS, Carlos Roberto Antunes dos. A alimentação e seu lugar na História: os tempos da memória gustativa. *História: Questões & Debates*, Curitiba, n. 42, p. 11-31, 2005.
- SANTOS, Carlos Roberto Antunes dos. A comida como lugar de História: as dimensões do gosto. *História: Questões & Debates*, Curitiba, n. 54, p. 103-124, jan./jun. 2011.
- TIRIBA, Lia. Brincando de casinha: fragmentos de economia, cultura e educação. *Revista de Educação Pública*, Cuiabá/MT, v. 16, n. 31, p. 161-172, maio/ago. 2007.
- TRIVIÑOS, Augusto Silva. A dialética materialista e a prática social. *Movimento*, Porto Alegre, v. 12, n. 2, p. 121-142, mai./ago., 2006